

CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE
AMAMENTAÇÃO

KNOWLEDGE OF HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT BREASTFEEDING

Elimartine Chagas César¹
Emanuela dos Santos Barros²
Jânio do Nascimento Alves³**Resumo**

O estudo apresentado objetivou analisar o conhecimento de alunos do terceiro ano do ensino médio sobre a amamentação em uma escola pública no interior de Pernambuco. Tratou-se de uma pesquisa transversal e descritiva, desenvolvida na Escola Padre Zuzinha no município de Santa Cruz do Capibaribe (PE). A amostra foi constituída por 100 alunos. Como instrumento para coletar os dados foi utilizado um questionário elaborado pelos pesquisadores. Verificou-se que 50% dos alunos apresentaram idade menor que 18 anos. Em relação ao conhecimento sobre o aleitamento materno, 56% da amostra relatou ter conhecimento prévio sobre o tema, tendo o sexo feminino maior conhecimento. As principais fontes de conhecimento sobre a amamentação, segundo os alunos, foram os familiares, amigos ou a escola citados por 37,9%. Cerca de 65% referenciaram que o período ideal para realizar aleitamento materno exclusivo é até os seis meses. 68% responderam que existem mulheres que tem o leite fraco. Em geral, a amostra demonstrou conhecimentos superficiais sobre a amamentação, sendo as mulheres melhores informadas sobre a temática. A crença em mitos que atrapalham o aleitamento materno foi frequente. Recomendam-se ações educativas sobre amamentação no ensino médio.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Alunos. Conhecimento.

Abstract

The present study aimed to analyze the knowledge of students from the third year of high school about breastfeeding in a public school in the interior of Pernambuco. This was a cross-sectional, descriptive research, developed at Padre Zuzinha School in Santa Cruz do Capibaribe (PE). The study sample consisted of 100 students. As an instrument to collect data a questionnaire developed by researchers was applied. It has verified that 50% from the students were younger than 18 years old. Regarding the knowledge about breastfeeding, 56% of the sample reported having a prior knowledge on the subject; the females had higher rates. The main sources of knowledge about breastfeeding, according to the students, were relatives, friends or school cited by 37.9%. About 65% have referred to the ideal time to perform exclusive breastfeeding is until six months. 68% answered that there are women who have weak milk. In general, the sample showed superficial knowledge about breastfeeding, and the females better informed on the subject. The belief in some myths that hinder breastfeeding was very common. It has recommended educational activities for breastfeeding in high school.

Keywords: Breastfeeding. Student. Knowledge

1 - Fisioterapeuta. Egresso da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande (FCM). Email: nitin_eu@hotmail.com

2 - Especialista em Saúde Coletiva e professora da União de Ensino Superior de Campina Grande (Unesc). Email: ft.emanuelbarros@gmail.com

3 - Especialista em Fisioterapia na Saúde da Mulher e professor da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande (FCM). Email: janiou-rofio@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Para favorecer o desenvolvimento infantil, nada melhor do que uma alimentação adequada desde as primeiras horas de vida. O leite materno tem demonstrado ser o melhor alimento, trazendo benefícios para mãe e filho, porém, há mães que não amamentam seus filhos, em virtude de fatores como a falta de informação e de discernimento no manejo da lactação e falta de apoio e proteção ao aleitamento materno (FARIA et al., 2006).

Milhões de mortes poderiam ser evitadas, anualmente, com o hábito e o exercício do aleitamento materno. Todavia, apesar da elevação das taxas de aleitamento materno no Brasil, observa-se que a mediana de amamentação em nosso país está abaixo do indicado pela Organização Mundial da Saúde – OMS (NAKAMURA et al., 2003).

No Brasil, 67,7% das mulheres iniciam a amamentação na primeira hora de vida, apenas 41,0% amamentam exclusivamente no período de quatro a seis meses, sendo a média de duração da amamentação exclusiva de apenas 1,8 meses. A média de duração da amamentação complementada de 11,2 meses, e a prevalência, no Brasil, de crianças até um ano de vida em aleitamento materno é de 58,74%. No entanto, é evidente a relevância das políticas de incentivo ao aleitamento materno (BRASIL, 2009a).

A decisão da mãe sobre se vai amamentar e por quanto tempo o fará é composta por elementos indispensáveis, tais como motivação, apoio de familiares, cultura, educação no pré e pós-natal, treinamento adequado sobre o manejo da lactação. A educação é uma maneira de incentivar, conscientizar e tirar dúvidas simultaneamente (NAKAMURA et al., 2003).

A escola é o local ideal para conscientização dos jovens, que são importante meio de propagação de informações em suas famílias e nos ciclos sociais, sobre a relevância do aleitamento materno. Se, desde a escola, as crianças recebessem informações adequadas sobre o aleitamento materno, quando chegassem à idade adulta as mulheres possivelmente estariam mais motivadas e capacitadas para amamentar e, no caso dos homens, mais aptos a apoiar a decisão materna (BOTTARO; GIUGLIANI, 2008).

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar qual o conhecimento de alunos do terceiro ano do Ensino Médio sobre o aleitamento materno, em uma escola pública no município de Santa Cruz do Capibaribe (PE), por se tratarem de adolescentes/jovens em fase reprodutiva. Os objetivos específicos foram observar qual sexo tem maior conhecimento sobre o aleitamento materno, identificar de qual forma os alunos têm acesso à informação sobre o tema e identificar os mitos e as crenças dos alunos sobre o aleitamento materno.

2 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa transversal e descritiva com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Padre Zuzinha, localizada no município de Santa Cruz do Capibaribe (PE). A cidade apresenta, segundo o Instituto Brasileiro de geografia e Estatística

(IBGE), 89.773 habitantes, densidade demográfica 261,23 (hab./km²) e uma área da unidade territorial de 335,271 (km²).

A população foi constituída por estudantes matriculados no terceiro ano do Ensino Médio da escola supracitada, no ano letivo de 2011. A amostra foi constituída por acessibilidade, totalizando 100 alunos dos 463 matriculados. A coleta foi realizada em dois dias do mês de dezembro de 2011.

Como critério de inclusão para participar da pesquisa, o aluno deveria estar matriculado regularmente no terceiro ano do Ensino Médio na Escola Padre Zuzinha no corrente ano letivo 2011 e querer participar da pesquisa por livre e espontânea vontade.

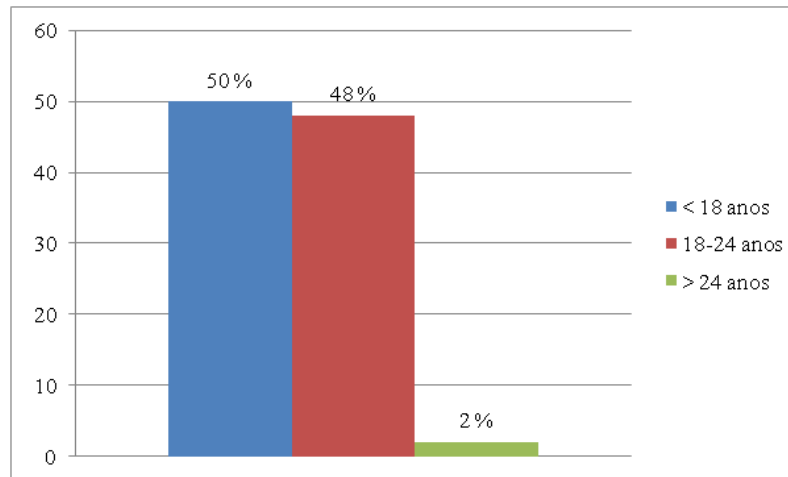
Foi utilizado um questionário autoaplicável, elaborado pelos pesquisadores, contendo 31 questões referentes à idade, sexo, estado civil e questões sobre o aleitamento materno. Para processamento e análise quantitativa dos dados foi criado um banco de dados através do programa Epi Info™ 3.5.1 e realizada análise descritiva simples.

Foi considerado o estabelecido pela Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde que norteia o princípio da autonomia, instrumento imprescindível para o desenvolvimento do trabalho com seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (CESED) obtendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 0144.0.405.000-11.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 100 estudantes, sendo 55% do sexo feminino. Verificou-se que 50% dos alunos da amostra apresentaram idade menor que 18 anos, 48% estavam na faixa etária entre 18 e 24 anos, e apenas 2% da amostra apresentou idade superior a 24 anos (Gráfico 1). Segundo dados do IBGE (2009), a maioria dos alunos que frequenta o Ensino Médio no Brasil tem 16 ou 17 anos de idade, assim a idade da amostra estava em conformidade com a média nacional.

Gráfico 1 - Distribuição da idade da amostra de estudantes.



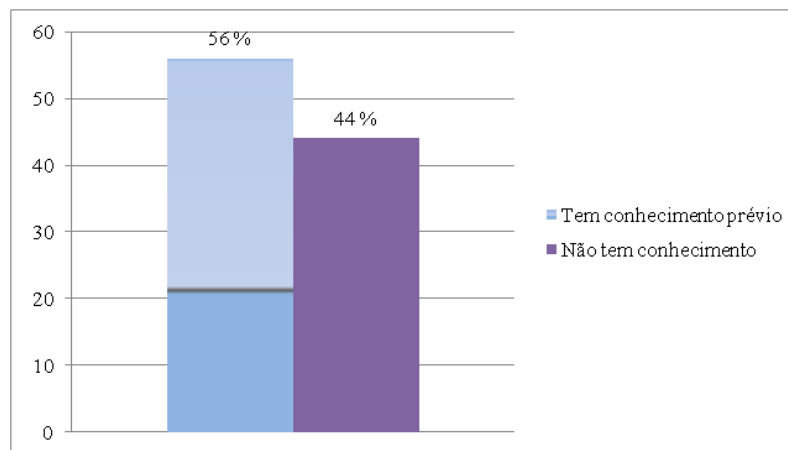
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Em relação ao conhecimento sobre o aleitamento materno, o gráfico 2 mostra que 56% da amostra relatou ter um conhecimento prévio sobre o aleitamento materno e 44% relatou não possuir nenhum conhecimento sobre o tema. Entre os que responderam que tinham conhecimento, 66% eram do sexo feminino e 34% do masculino.

Em uma pesquisa realizada por Faleiros, Tereza e Carandina (2006), os alunos do sexo masculino tiveram o índice de conhecimento sobre o aleitamento materno semelhante ao sexo feminino, diferindo apenas de questões relacionadas com a mama como órgão sexual.

Para Terrengui (2003), as estudantes do sexo feminino, além de terem um índice de conhecimento mais elevado do que os estudantes do sexo masculino, disseminavam com mais facilidade e frequência a cultura da amamentação entre todas as pessoas do seu ciclo social, enquanto que os do sexo masculino o faziam apenas entre as pessoas inseridas em seu contexto familiar.

Gráfico 2 – Conhecimento prévio sobre o aleitamento materno segundo o sexo



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

É importante que as informações sobre amamentação atinjam também o sexo masculino, pois, de acordo com Costa (2007), são de extrema relevância para a participação do homem durante a gravidez, o aleitamento materno e o desenvolvimento da criança, sendo igualmente importante que a exposição a estas informações ocorra ainda durante a infância e adolescência para que possa agregar esses valores.

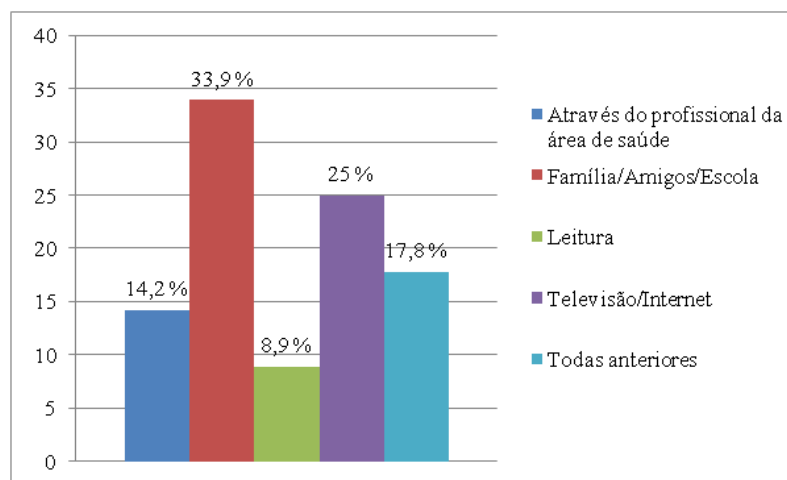
Quanto à fonte de obtenção do conhecimento relacionado ao aleitamento materno, representado no gráfico 3, predominou o conhecimento adquirido através de familiares, amigos e na escola (33,9%), seguido de televisão e internet (25%), através do profissional da área de saúde (14,2%), através da leitura (8,9%) e de todas as fontes de conhecimento já citadas (17,8%).

De acordo com Primo e Caetano (1999), a decisão de uma mulher de amamentar está inteiramente ligada a um ato intrínseco ao papel de mãe, uma vez que experiências transmitidas de mãe para filha e a tradição familiar são sem dúvida a principal fonte de conhecimento para os jovens, condizendo com Marques et al (2010) quando afirmam que a fonte mais importante de informações sobre o aleitamento materno são as avós.

Entretanto, para Frota et al. (1992), embora a família exerça forte influência na amamentação, essa influência pode ser positiva ou negativa. Aquelas mulheres que tiveram apoio dos familiares tendem a reproduzir isso com seus descendentes.

Importante destacar o relevante papel da televisão e da internet na propagação de informações sobre o aleitamento materno. Segundo Rea (2003), desde o início da década de 1980 utiliza-se a televisão para divulgar campanhas pró-amamentação. Através da internet é possível encontrar informações de forma rápida sobre assuntos diversos; através de sites, blogs e redes sociais é possível encontrar grupos de apoio que compartilham experiências sobre o aleitamento materno (CARVALHO, 2011).

Gráfico 3 – Fonte de obtenção do conhecimento sobre o aleitamento



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

O fato de o profissional de saúde ser citado por apenas 14,2% dos estudantes parece demonstrar uma falha nos programas de promoção de saúde. De acordo com Moço e Moretto

(2008), a carência de exposições positivas sobre a amamentação, ao longo da infância e da adolescência, pode estar contribuindo para a ocorrência de baixas taxas de aleitamento materno.

Fujimori et al. (2008) salientam que a educação em saúde realizada em escolas pode ser vantajosa para aumentar os índices de amamentação no futuro, pois pessoas bem informadas sobre o tema estão mais propensas a amamentar.

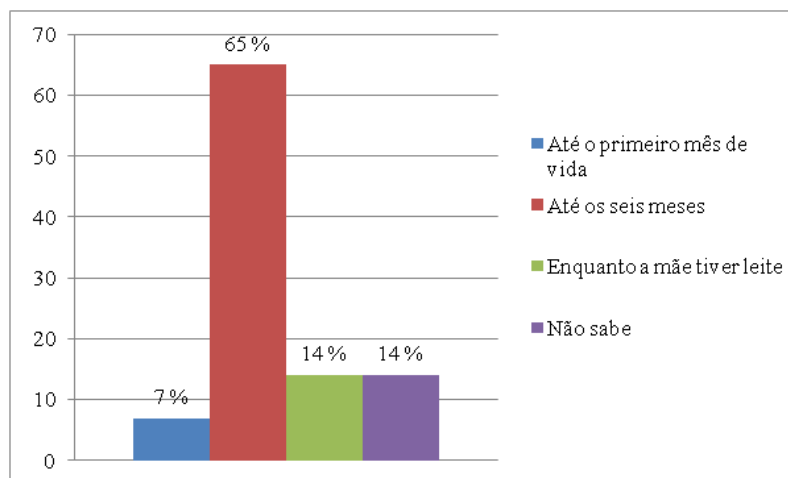
Embora seja importante o papel do profissional de saúde nas atividades de promoção do aleitamento materno, deve-se perguntar se os profissionais estão capacitados para cumpri-lo. Pois, segundo Giugliani (2004), estudos realizados em diferentes partes do mundo, mostram atitudes negativas ou indiferentes da parte dos profissionais de saúde em questões relacionadas à amamentação.

Conhecimento e habilidades são importantes para o profissional que aconselha sobre o aleitamento materno, mas tais características devem ser somadas à habilidade na comunicação com a mulher que amamenta (GIUGLIANI; LAMOUNIER, 2004).

Importante ressaltar que em pesquisa com puérperas, realizada por Freitas, França e Freitas (2011), mais de 80% havia recebido informações através do profissional de saúde, durante o pré-natal. Esse dado permite a interpretação de que o profissional de saúde apenas realiza o aconselhamento quando a mulher se encontra grávida.

O gráfico 4 mostra que ao serem questionados sobre o período ideal para realizar o aleitamento materno exclusivo, 65% da amostra respondeu que seria até o sexto mês, 14% responderam não saber por quanto tempo, para outros 14% a mulher deveria amamentar exclusivamente enquanto tivesse leite, e 7% responderam que o ideal seria durante o primeiro mês de vida.

Gráfico 4 – Percepção dos alunos sobre o período ideal para fazer aleitamento materno exclusivo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Recomenda-se que o leite materno deve ser oferecido de forma exclusiva durante os seis primeiros meses de vida da criança, a introdução de outros alimentos durante esse período

não traz nenhum benefício para ela, ao contrário, a complementação precoce pode aumentar a morbidade infantil (BRASIL, 2009b).

O fato de muitos estudantes já conhecerem o período recomendado para o aleitamento exclusivo pode ser atribuído às campanhas vinculadas na mídia, que enfatizam o aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses de vida.

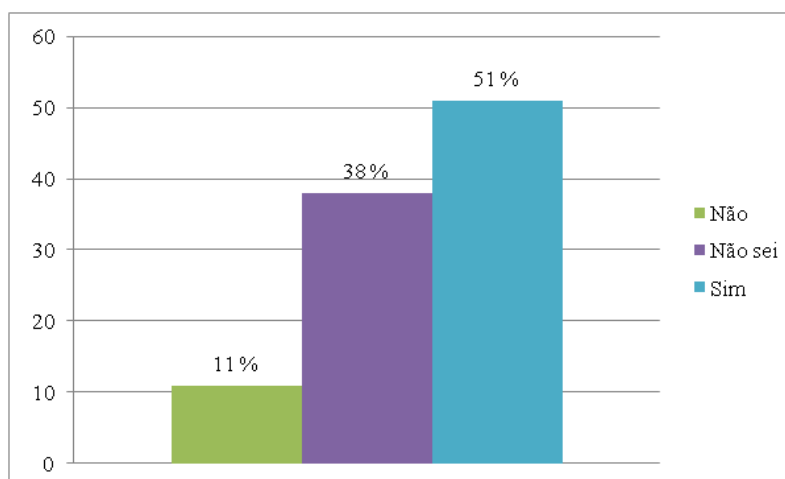
Resultado diferente foi encontrado por Bottarro e Giugliani (2008) em pesquisa realizada com 564 alunos da 5ª série do Ensino Fundamental na qual menos da metade dos escolares escolheram a resposta mais favorável ao tempo ideal para se realizar o aleitamento materno exclusivo.

Os três próximos gráficos trazem resultados relacionados com alguns mitos, tabus e crenças relativos à amamentação e que podem ser motivo de desmame. Um estudo realizado por França et al. (2007) mostra que fatores socioculturais e valores adquiridos por familiares são determinantes para o aleitamento materno, e ressalta a importância de instruir e conscientizar jovens para que se favoreça a amamentação.

A mama, no sexo feminino, além da função de nutrir a prole, também tem uma forte conotação sexual. Algumas mulheres refutam a ideia de amamentar, alegando que provoca a queda das mamas (MARQUES; COTTA; PRIORE, 2011).

No gráfico 5, observou-se que 51% dos estudantes participantes da pesquisa, afirmam que, com a amamentação, a mulher fica com as mamas caídas, porém, Vaucher e Durman (2005), em sua pesquisa, falam que a queda das mamas não está relacionada com a amamentação, mas com a utilização incorreta de sutiã durante o período de lactação.

Gráfico 5 – Percepção dos alunos sobre a ocorrência da queda das mamas devido à amamentação.



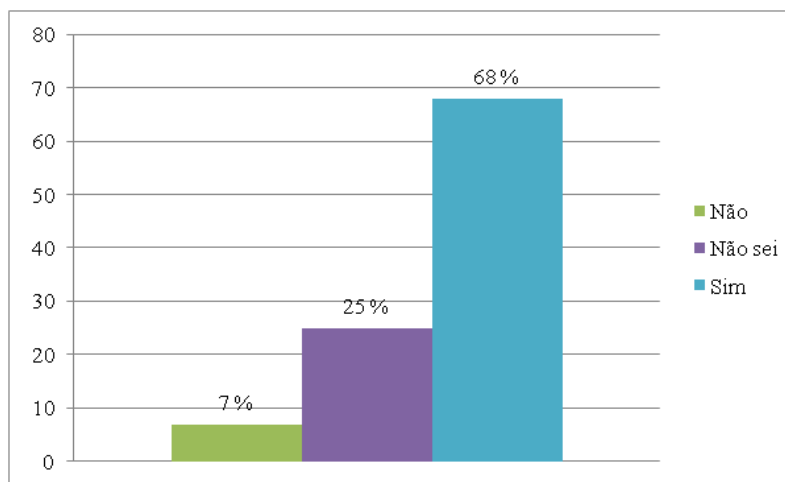
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Ainda segundo os autores, as alterações estruturais que ocorrem nas mamas com o envelhecimento auxiliado pelo efeito da gravidade promovem flacidez e queda, não estando relacionadas com o processo de amamentação.

Em estudo realizado por Santos e Botelho (2010), foi observado entre 83 mães adolescentes de 16 a 22 anos de idade que 16,9% (14) acreditavam que amamentar faz o peito ficar flácido ou caído, percentual significativo, porém baixo em relação ao valor encontrado nesse estudo que tem resultado semelhante ao trabalho realizado por Silva e Morais (2011), onde 44,7% da amostra composta por 87 adolescentes afirmou que amamentar causa a queda das mamas.

Quando questionados sobre a existência de mulheres que possuíam leite fraco, 68% dos alunos afirmaram que sim, 25% não souberam responder e 7% disseram que não existe leite fraco (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Percepção dos alunos sobre a existência de mulheres que possuem o leite fraco



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Segundo o Ministério da Saúde, não existe leite fraco. O colostro e o leite maduro podem apresentar consistência diferente, modificando-se inclusive durante a mamada, o que não significa que o leite seja fraco (BRASIL, 2007). Mesmo mulheres que não possuam uma nutrição adequada podem produzir leite materno rico em nutrientes.

Giugliani (2004) considera o mito do leite fraco um reflexo da insegurança da mulher, pois interpreta o choro constante e as mamadas frequentes da criança como fome, sendo este o comportamento normal do recém-nascido. Porém, a ansiedade materna pode influenciar o reflexo de ejeção do leite, inibindo a ocitocina e promovendo o bloqueio do leite (HISSLER, 1983).

De acordo com Marques, Cotta e Priore (2011), a crença do leite fraco é atualmente uma das mais importantes causas da complementação precoce da amamentação, reduzindo o tempo de aleitamento materno exclusivo e favorecendo o desmame precoce.

O valor significativamente alto obtido nesse estudo sobre a opinião de estudantes acerca da existência de leite fraco condiz com um estudo realizado por França, Freitas e França (2011) que, em um trabalho realizado com 63 adolescentes, obteve um alto índice de respostas afirmativas quanto à existência de leite fraco.

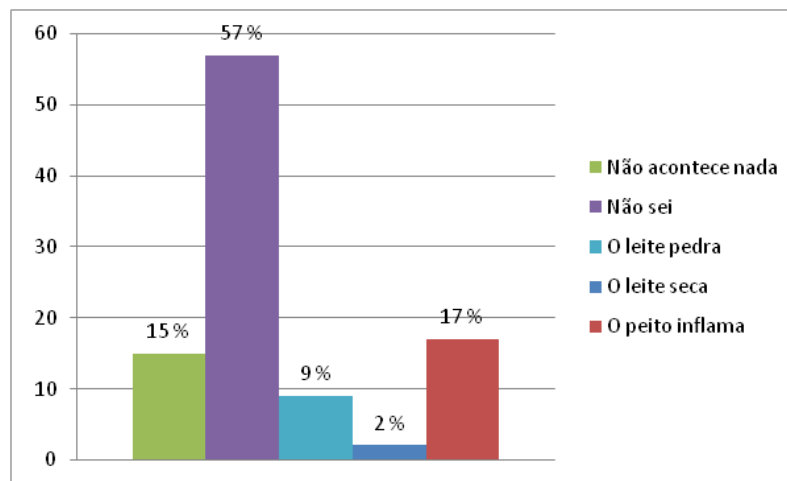
Os valores de informações adquiridas tem um papel fundamental no nosso conheci-

mento sobre determinadas situações; há uma série de mitos, tabus e crenças relacionados com o fenômeno da amamentação que muitas vezes trazem aos adolescentes opiniões errôneas ou dúvidas, por exemplo, sobre o que acontece quando o bebê arrotta no peito da mãe.

O gráfico 7 corresponde à resposta sobre o que acontece quando o bebê arrotta no peito da mãe. 57% da amostra disse não saber o que aconteceria, enquanto 17% afirmou que o peito inflama, 15% respondeu que não acontece nada, 9% que o leite empedra e apenas 2% referiu que o leite seca.

Para o Ministério da Saúde não existe comprovação científica que quando a criança arrotta durante a amamentação o peito inflama, o leite empedra ou ainda o leite seca, tratando -se de mais uma crendice popular (BRASIL, 2007).

Gráfico 7 – Percepção dos alunos sobre o que acontece quando o bebê arrotta no peito da mãe



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Em um estudo realizado por Santos e Botelho (2010), 15,7% da amostra respondeu que o peito pode inflamar e/ou o leite secar. É necessário que essas crenças sejam desfeitas, pois podem resultar em desmame precoce.

As tabelas 1 e 2 representam as opiniões dos alunos referentes ao conhecimento das vantagens do aleitamento materno para a saúde da criança e da mulher, os resultados foram separados por sexo. A amamentação vai muito além do fator de nutrição para a criança, trazendo vários benefícios para a criança amamentada e para a nutriz. Freed e Fraley (1993) observaram que as mulheres que planejavam amamentar conheciam os benefícios do aleitamento materno.

Observa-se que a maioria dos estudantes desconhecia as inúmeras vantagens do aleitamento materno para a saúde materno-infantil. Porém, benefícios como a maior adequação do leite materno para a criança, a facilidade de digestão e o favorecimento do vínculo materno-infantil parecem bem assimilados pelos estudantes.

Tabela 1 – Percepção dos estudantes de Ensino Médio sobre as vantagens da amamentação para a saúde da criança, segundo o gênero, Escola Padre Zuzinha, município de Santa Cruz do Capibaribe (PE), 2012.

| Questão | Sim | Não | Não Sei |
|--|--------------|--------------|--------------|
| <i>Feminino</i> | <i>n (%)</i> | <i>n (%)</i> | <i>n (%)</i> |
| É o alimento mais adequado às suas necessidades | 52 (94,6) | 02 (3,6) | 01 (1,8) |
| Melhor digestibilidade (digestão mais fácil) | 42 (76,4) | - | 13 (23,6) |
| Previne o risco de infecções/alergias | 31 (56,4) | 04 (7,3) | 20 (36,4) |
| Diminui o risco de desenvolver diabetes | 16 (29,1) | 03 (5,5) | 36 (65,5) |
| Promove a linguagem do bebê e uma melhor denteição | 21 (38,2) | 05 (9,1) | 29 (52,7) |
| Fator de proteção para a obesidade | 19 (34,5) | 04 (7,3) | 32 (58,2) |
| Coefficiente de inteligência e emocional mais alto | 10 (18,2) | 05 (9,1) | 40 (72,7) |
| <i>Masculino</i> | | | |
| É o alimento mais adequado às suas necessidades | 35 (77,8) | 01 (2,2) | 09 (20,0) |
| Melhor digestibilidade (digestão mais fácil) | 29 (64,4) | - | 16 (35,6) |
| Previne o risco de infecções/alergias | 23 (51,1) | 05 (11,1) | 17 (37,8) |
| Diminui o risco de desenvolver diabetes | 22 (48,9) | 02 (4,4) | 21 (46,7) |
| Promove a linguagem do bebê e uma melhor denteição | 10 (22,2) | 05 (11,1) | 30 (66,7) |
| Fator de proteção para a obesidade | 12 (26,7) | 05 (11,1) | 28 (62,2) |
| Coefficiente de inteligência e emocional mais alto | 11 (24,4) | 05 (11,1) | 29 (64,4) |
| Total | 333 (47,5) | 46 (6,5) | 321(46,0) |

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Tabela 2 – Percepção dos estudantes de Ensino Médio sobre as vantagens da amamentação para a saúde da mulher, Escola Padre Zuzinha, município de Santa Cruz do Capibaribe (PE).

| Questão | Sim | Não | Não Sei |
|---|--------------|--------------|--------------|
| <i>Feminino</i> | <i>n (%)</i> | <i>n (%)</i> | <i>n (%)</i> |
| O útero retorna ao seu tamanho normal mais rápido | 06 (10,9) | 10 (18,2) | 39 (70,9) |
| A mãe perde peso mais rapidamente | 22 (40,0) | 11 (20,0) | 22 (40,0) |
| Diminui o risco de câncer da mama e ovários | 10 (18,2) | 06 (10,9) | 39 (70,9) |
| Favorece o vínculo mãe/filho | 48 (87,3) | 01 (1,8) | 06 (10,9) |
| Serve como um método contraceptivo (anticoncepcional) | 02 (3,6) | 22 (40,0) | 31 (54,6) |
| <i>Masculino</i> | | | |
| O útero retorna ao seu tamanho normal mais rápido | 05 (11,1) | 7 (15,6) | 33 (73,3) |
| A mãe perde peso mais rapidamente | 16 (35,6) | 10 (22,2) | 19 (42,2) |
| Diminui o risco de câncer da mama e ovários | 13 (28,9) | 03 (6,7) | 29 (64,4) |
| Favorece o vínculo mãe/filho | 31 (68,9) | 02 (4,4) | 12 (26,7) |
| Serve como um método contraceptivo (anticoncepcional) | 04 (8,9) | 14 (31,1) | 27 (60,0) |
| Total | 157 (31,4) | 86 (17,2) | 257 (51,4) |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

O fato de o sexo masculino possuir um menor índice de acerto corrobora o estudo realizado por Pontes, Alexandrino e Osório (2008), que afirmam a existência de exclusão do homem durante o processo de amamentação no que diz respeito a sua participação e colaboração, e que isto se deve ao processo histórico, social e cultural, em que, ainda nos dias de hoje, é possível visualizar valores pertencentes aos homens e as mulheres.

Porém, observou-se que em algumas questões, principalmente nas relacionadas aos benefícios para saúde da mulher, os homens se sobressaíram mais. Para Fujimori et al. (2008), que encontraram resultado semelhante em uma pesquisa realizada no Ensino Fundamental, essa diferença pode sinalizar um aumento na participação masculina durante a amamentação.

Faz-se importante a conscientização do homem quanto ao seu papel durante o aleitamento. Para Piazzalunga e Lamounier (2009), a presença do pai durante a amamentação contribui para que ela seja bem-sucedida, por meio do fortalecimento das relações familiares. Trabalhar desde cedo, ainda na fase escolar, a conscientização de crianças e jovens do sexo masculino poderia favorecer o apoio masculino durante o aleitamento materno.

Alguns autores já afirmaram que embora já se conheçam vários benefícios para a mulher, os benefícios para a criança têm sido mais estudados e, conseqüentemente, são mais conhecidos (REA, 2004; GIUGLIANI; LAMOUNIER, 2004). A importância de desenvolver mais estudos sobre os benefícios da amamentação para a saúde da mulher, tal como afirmam Toma e Rea (2008), alia-se à possibilidade de difundir o conhecimento sobre tais benefícios.

4 CONCLUSÃO

Foi possível identificar o conhecimento dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio sobre o aleitamento materno em uma escola pública no município de Santa Cruz do Capibaribe (PE). Observou-se que o sexo feminino tem maior conhecimento sobre a amamentação, sendo as principais fontes de informação a família, os amigos e a escola e observou-se, ainda, que a amostra não soube distinguir os mitos e tabus sobre a amamentação.

Os estudantes demonstraram conhecimento superficial sobre a amamentação, crendo em mitos que frequentemente atrapalham o aleitamento e apresentando pouco conhecimento sobre seus benefícios para a saúde. Um maior conhecimento sobre o aleitamento, entre outros fatores, auxilia a tomada de decisão pela mulher em amamentar seus filhos.

Em algumas questões, o sexo masculino obteve maior acerto que o feminino, isso pode estar associado ao aumento do envolvimento masculino no processo de amamentação. Culturalmente os homens têm se mantido afastados de questões relacionadas ao aleitamento.

Como sugestão, a pesquisa realizada pode subsidiar estudos futuros envolvendo o tema tratado, como comparar a mudança no conhecimento após ações educativas sobre a amamentação na escola estudada, aferindo, portanto, a efetividade da promoção de saúde em escolas.

É necessário ressaltar a importância da elaboração de meios e estratégias para levar conhecimento sobre o aleitamento materno às diversas faixas etárias, e, especificamente, aos

estudantes, pois estes são propagadores de informação nos seus lares e entre seus amigos. Nesse contexto, o fisioterapeuta, como profissional de saúde, habilitado a atuar na promoção de formas mais efetivas de conscientização da população e de proteção da saúde, deve estar inserido em tais estratégias.

REFERÊNCIAS

BOTTARO, S. M.; GIUGLIANI, E. R. J. Estudo exploratório sobre aleitamento materno entre escolares de quinta série do Ensino Fundamental. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p. 1599-1608, jul. 2008. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49599/000736763.pdf?sequence=1> > Acesso em: 12 maio 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **II Pesquisa de prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009a. Disponível em: < <http://www.fiocruz.br/redeblh/media/pesquisa.pdf> > Acesso em: 18 fev. 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil - aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009b. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf > Acesso em: 10 maio 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Promovendo o aleitamento materno**. Álbum seriado. 2. ed. rev. Brasília: 2007. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/album_seriado_aleitamento_materno.pdf > Acesso em: 30 jul. 2012.

CARVALHO, M. R. Amamentação & redes sociais. **Saiba mais**, Informativo Johnson's® Baby para profissionais de saúde. Segmento Farma Editores Ltda. São Paulo, ago. 2011. Disponível em: < http://www.aleitamento.com/upload/ALEITAMENTO_REDES_SOCIAIS-SMAM2011.pdf?id=1&id_artigo=2355&id_subcategoria=1 > Acesso em: 20 maio 2012.

COSTA, C. R. **Representação do papel do pai no aleitamento materno**. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Nutrição) - Universidade do Porto, Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação, Portugal, 2007. Disponível em: < http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/62560/2/124142_33M.pdf > Acesso em: 10 maio 2012.

FALEIROS, F. T. V.; TREZZA, E. M. C.; CARANDINA, L. Aleitamento materno: fatores de influência na sua decisão e duração. **Revista de Nutrição**, São Paulo, v. 19, n. 5, p. 623-630, set./out. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rn/v19n5/a10v19n5.pdf> > Acesso em: 10 fev. 2012.

FARIA, C. M. et al. Amamentação: a maneira de pensar do universitário. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 24, n. 3, p. 255-61, 2006. Disponível em: < http://www.spsp.org.br/Revista_RPP/24-36.pdf > Acesso em: 28 dez. 2011.

FRANÇA, A. C. H.; FREITAS, L. G.; FRANÇA, E. L. Autopercepção sobre o aleitamento materno e os fatores que contribuem para o desmame precoce. **Revista Panorâmica Multidisciplinar**, Barra do Garças, Mato Grosso, v. 1, n. 12, p. 1-19, 2011.

FRANÇA, G. V. A. et al. Determinantes da amamentação no primeiro ano de vida em Cuiabá, Mato Grosso. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 5, p. 711-718, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n5/5802.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

FREED, G. L.; FRALEY, J. K. Effect of expectant mothers' feeding plan on prediction of fathers' attitudes regarding breast-feeding. **American Journal of Perinatology**, v. 10, n. 4, p. 300-303, 1993.

FROTA, M. A. et al. Práticas culturais sobre aleitamento materno entre famílias cadastradas em um Programa de Saúde da Família. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, n. 4, p. 895-901, dec. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n4/a22v43n4.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

FUJIMORI, M. et al. The attitudes of primary school children to breastfeeding and the effect of health education lectures. **Jornal de Pediatria**, v. 84, n. 3, p. 247-259, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v84n3/v84n3a07.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2012.

GIUGLIANI, E. R. J. Problemas comuns na lactação e o seu manejo. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 5, supl., p. S147-S154, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n5s0/v80n5s0a06.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2012.

GIUGLIANI, E. R. J. Amamentação: como e por que promover. **Jornal de Pediatria**, v. 70, n. 3, p. 138-151, 1994. Disponível em: < <http://www.jped.com.br/conteudo/94-70-03-138/port.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2012.

GIUGLIANI, E. R. J.; LAMOUNIER, J. A. Aleitamento materno: uma contribuição científica para a prática do profissional de saúde. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 5, p. 117-118, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n5s0/v80n5s0a01.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2012.

HISLER, H. Aleitamento materno: ansiedade vs. Lactação. **Pediatria**, São Paulo, v. 5, p. 98-99, 1983. Disponível em: < <http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/upload/pdf/789.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009, v. 30. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf> Acesso em: 10 maio 2012.

MARQUES, E. S. et al. A influência da rede social da nutriz no aleitamento materno: o papel estratégico dos familiares e dos profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, supl.1, p. 1391-1400, jun. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/049.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2012.

MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; PRIORE, S. E. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2461-2468, maio 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a15v16n5.pdf>> Acesso em: 28 dez. 2012.

MOÇO, G. de A. R.; MORETTO, C. C. de O. A. **Amamentação: o conhecimento materno e sua importância**. Campos: IDCB, 2008.

NAKAMURA, S. S. et al. Percepção e conhecimento de meninas escolares sobre o aleitamento materno. **Jornal de Pediatria**, v. 79, n. 2, p. 181-188, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v79n2/v79n2a14.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

PIAZZALUNGA, C. R. C.; LAMOUNIER, J. A. A paternidade e sua influência no aleitamento materno. **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 49-57, 2009. Disponível em: < <http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/1290.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

PONTES, C. M.; ALEXANDRINO, A. C.; OSÓRIO, M. M. Participação do pai no processo da amamentação: vivência, conhecimentos, comportamentos e sentimentos. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 84, n. 4, p. 357-364, jul./ago. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v84n4/v84n4a12.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2012.

PRIMO, C. C.; CAETANO, L. C. A decisão de amamentar da nutriz: percepção de sua mãe. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 75, n. 6, p. 449-455, 1999. Disponível em: <<http://www.jpmed.com.br/conteudo/99-75-06-449/port.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

REA, M. F. Benefits of breastfeeding and women's health. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 5, p. 142-146, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n5s0/en_v80n5s0a05.pdf> Acesso em: 10 maio 2012.

REA, M. F. Reflexões sobre a amamentação no Brasil: de como passamos a 10 meses de duração. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, Sup. 1, p. S37-S45, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s1/a05v19s1.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

SANTOS, K. K.; BOTELHO, A. C. F. Mitos que podem prejudicar o aleitamento materno em Perdizes, MG. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 3, n. 2, p. 139-147, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/saudpesq/article/view/1524/1085>> Acesso em: 17 jan. 2012.

SILVA, P. da S.; MORAES, M. S. de. Caracterização de adolescentes parturientes e de seus conhecimentos sobre amamentação. **Arquivos de Ciência da Saúde**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 28-35, 2011. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/vol-18-1/IDS%204%20-%20jan-mar%202011.pdf> Acesso em: 10 maio 2012.

TERRENGUI, L. C. S. **Avaliação de um programa educativo sobre amamentação aplicada a escolares do ensino médio**. 2003. 88p. Dissertação (Mestrado em Saúde Infantil) - Faculdade de Medicina, Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://www.bvsam.icict.fiocruz.br/teses/lcsterrengui.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

TOMA, T. S.; REA, M. F. Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança: um ensaio sobre as evidências. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, supl. 2, p. S235-S246, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24s2/09.pdf>> Acesso em: 10 maio 2012.

VAUCHER, A. L. I.; DURMAN, S. Amamentação: crenças e mitos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 7, n. 2, p. 207-214, 2005. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/881/1054>> Acesso em: 10 maio 2012.